

Itamar prevê explosão social

■ De olho no agravamento da crise, governador se posiciona para disputar sucessão de FH

TEODOMIRO BRAGA

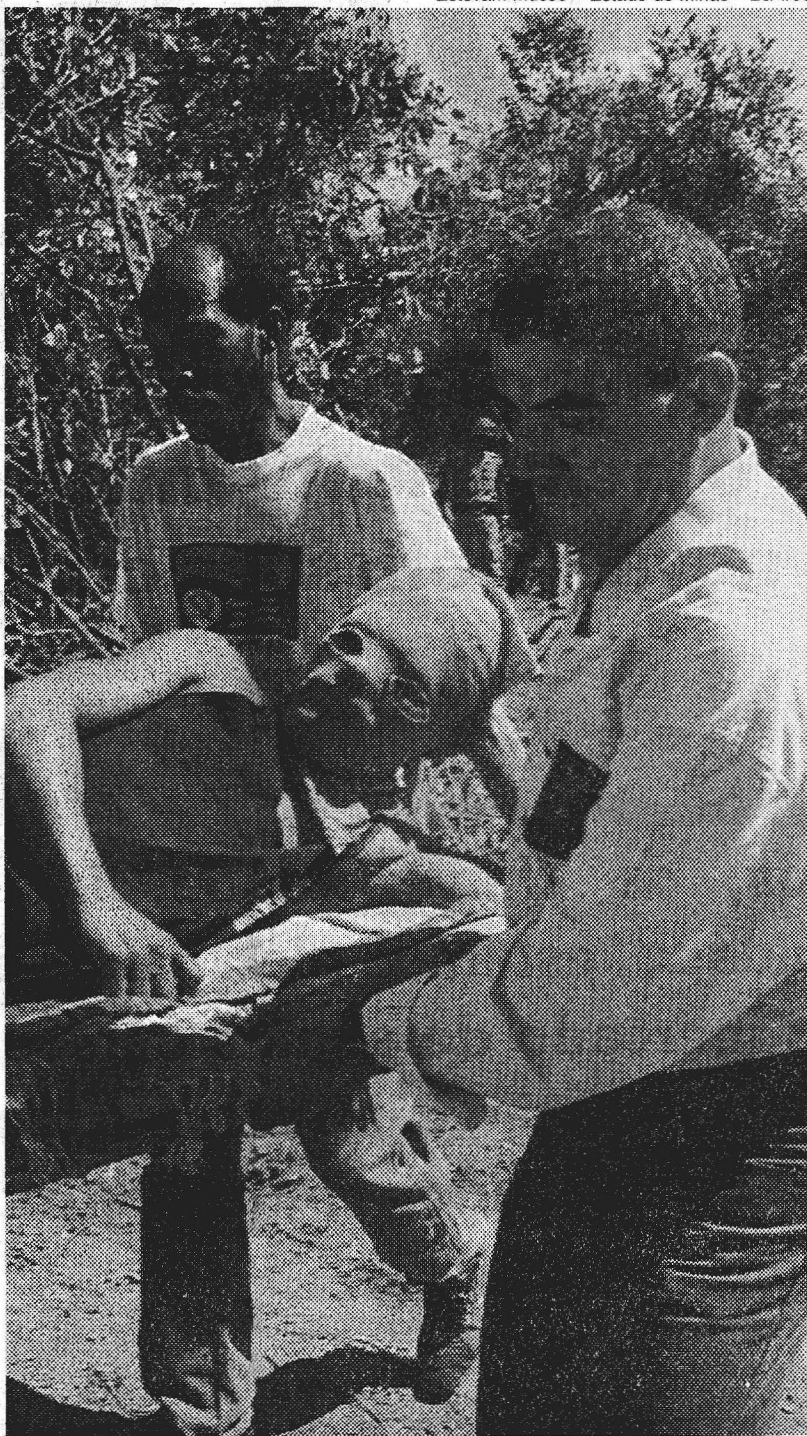
Estevam Musso — Estado de Minas — 26/4/99

BELO HORIZONTE — Cenas que há muito tempo não eram vistas em Minas Gerais agora fazem parte do cotidiano da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Em ruas da capital mineira e das cidades operárias de Betim e Contagem, cartazes ilustrados com a foice e o machado, simbolizando o comunismo, e fotografias de Marx, Mao Tsé-tung Tung e Lenin convidam para a comemoração do 1º de Maio. Os cartazes são assinados pela Liga Operária Camponesa, responsável pela ocupação de uma fazenda em Betim, a Bandeirinhas, em Betim, mais novo endereço da crise social brasileira.

Rebatizada de “Vila Bandeira Vermelha” pelos ocupantes, a fazenda foi palco, na segunda-feira, do mais grave incidente social desta década em Minas Gerais. A tentativa da Polícia Militar de expulsar os sem-casa que entraram na área foi rechaçada com violência, em confronto que resultou em duas mortes e vários feridos. As aparições públicas dos invasores, com os rostos encapuzados, fizeram lembrar as primeiras imagens dos camponeses rebeldes de Chiapas, no México. Os líderes do movimento da “Vila Bandeira Vermelha” também lembraram os rebeldes mexicanos por repetir a mesma estratégia de divulgação usada por eles — via Internet, lançaram manifestos em inglês sobre o “massacre dos sem-casa” na “Red Flag Villa”.

O que significa a radicalização política em Minas, com grupos extremistas desafiando “FH, Itamar e todos os governos da burguesia e do latifúndio”, como proclamam os cartazes da Liga Operária e Camponesa? Na semana passada, a questão era assunto de discussões no Palácio da Liberdade, o centro do poder no estado. Para o governador Itamar Franco (PMDB), a radicalização política que assustou os mineiros decorre da deterioração social do país, provocada pela política do governo federal. “Essa política favorece o surgimento de grupos radicais”, diz o governador na sala de reuniões do seu gabinete, decorada com um quadro de Tiradentes, o mártir de Minas.

Pessimismo — Itamar Franco, o vice-governador Newton Cardoso e outros integrantes da cúpula do governo fazem um balanço da situação política nacional muito mais dramático e negativo do que a avaliação feita no resto do país. Sem a esperança com que vários setores encaram o momento econômico atual, o grupo de Itamar acha que o quadro é “explosivo”, com um desemprego crescente e um empobrecimento da população cada vez maior. Em suas avaliações, Itamar insiste sempre na comparação entre o país que deixou, com



Os sem-teto de Betim são apontados como sinal de radicalização à vista

taxa de crescimento de 5,8%, em 1994, e o país atual, que teve aumento de 0,1% do PIB no ano passado e continua com a economia estagnada.

“Segundo as projeções, o país só vai crescer em nível equivalente ao de 1994 no ano de 2001, o que está muito longe”, observa Itamar. “O primeiro emprego está muito difícil, o país está empobrecendo muito. Isto é perigoso”, alerta. O governador prevê a “desestabilização do social” se não houver rápida melhora nos índices de emprego. “O Brasil está atravessando uma fase muito difícil, mas o presidente não está atento. Ele não está a par do que se passa fora de Brasília”, critica Itamar. Por conta dessa deterioração, ele aponta, cresce cada vez mais o “grau de insatisfação” com o presidente Fernando Henrique.

Um indicador dessa insatisfação é o crescimento da oposição ao governo federal, abrindo espaço para movimentos extremistas como o de Betim.

Outro sintoma da queda de prestígio do Palácio do Planalto é o número cada vez maior de convites que Itamar Franco vem recebendo para falar sobre a situação nacional. Entre eles, pedidos de palestras nas assembleias legislativas do Mato Grosso, do Ceará e do Amazonas, em igrejas de Uberlândia e na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS).

Urnas — Itamar está em campanha para a sucessão de Fernando Henrique? O governador mineiro se recusa a discutir a idéia, alegando que, temente a Deus, não faz planos para prazo tão longo. Mas garante que, por questão de princípio, não concorrerá à reeleição ao governo de Minas. Ao avaliar o cenário político nacional, Itamar faz questão de ressaltar que é Lula — “e não eu” — o maior líder da oposição. “Não serei obstáculo ao PT em 2002”, afirma o governador, registrando em seguida:

“hoje temos uma posição mais crítica do que eles em relação ao atual modelo econômico”.

Apesar das esquivas de Itamar, um dos principais integrantes de sua equipe não esconde que a eleição de 2002 é o alvo principal da estratégia política do Palácio da Liberdade. O governador está cumprindo essa estratégia passo a passo, diz esse auxiliar. O PSDB é apontado, no momento, como o principal adversário em 2002. A convicção é reforçada pelo aumento da participação dos tucanos no governo federal. “O PSDB ocupou todas as diretorias da Petrobras. Isto faz parte de uma ocupação de espaços com vistas às eleições de 2002”, diz o auxiliar de Itamar, apontando, sem vacilar, quem será o candidato do PSDB à sucessão de Fernando Henrique: “o ministro José Serra”.

Fragmentação — Em relação ao PFL, a impressão geral, nas hostes de Itamar, é de que o partido abandonará o barco do presidente no próximo ano e partirá para a consolidação de um candidato próprio para 2002. A criação da CPI do Judiciário é vista como uma jogada do senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) para ter um palanque destinado a consolidar seu nome a nível nacional. A posição do PMDB dependerá das eleições municipais do próximo ano e das eleições para governador em 2002. Caso o partido entre com força na disputa dos principais municípios e governos estaduais, o confronto com o PSDB será violento, tornando impossível manter o PMDB na base de apoio de Fernando Henrique.

Essa análise em relação ao PMDB é endossada pelo governador Itamar Franco, que diz não ter interesse na aproximação com a base de seu partido que aderiu a Fernando Henrique. A ida de Itamar para outro partido, para garantir a candidatura em 2002, é opção descartada, por enquanto, pelo próprio governador. Aparentemente, ele decidiu esperar a definição da tendência do PMDB antes de tomar qualquer iniciativa. Seus auxiliares não têm dúvidas de que, caso seja forçado a sair do PMDB, Itamar não terá dificuldades em viabilizar sua candidatura por outro partido de expressão.

A evolução da situação política do país, acredita a turma de Itamar, concorre a favor de suas pretensões políticas. A previsão é de que, em pouco tempo, o governo de Anthony Garotinho (PDT), no Rio, e os de outros estados não terão mais como driblar a crise financeira e serão obrigados a adotar medidas extremas como a moratória decretada por Itamar em Minas Gerais. No caso de São Paulo, a hora da verdade chegará em novembro, quando termina a carência de um ano para o pagamento de dívidas com a União.